



# AS LUTAS FEMINISTAS NA REGIÃO DO MERCOSUL E FRANÇA: INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

**Sistematização elaborada por:**

Camila Mondaca

Rede Chilena contra a Violência à Mulher (Chile):

**Desenho:**

Betiana Spadillero - Indeso Mujer (Argentina)

**Tradução:**

Thaynara Policarpo e Ana Patricia Sampaio - Centrac (Brasil)

## FICHA TÉCNICA

O intercâmbio de experiências foi fruto de um trabalho conjunto da Plataforma Mercosul Social e Solidário (PMSS) e CCFD-Terre Solidaire.



**FÓRUM INTERNACIONAL  
PARA O BEM VIVER**

29 de junho de 2022

### **Ação Educativa Santa Fé (Argentina):**

- Miriam Tucci, responsável pela organização geral.

### **Associação Ecumênica de Cuyo (Argentina):**

- Cecilia Carozzo, responsável pela apresentação conceitual e dinamização.

### **Canoa Hábitat Popular (Argentina):**

- Marianela Mendez, responsável pela organização geral.

### **CCFD-Terre Solidaire (França):**

- Olivier Beal, responsável pelo suporte técnico.
- Claire Pilet, responsável pela dinamização.
- Joël Descoings, responsável pela organização geral.

### **Decidamos. Campanha pela expressão cidadã (Paraguai):**

- Nilda Duarte, responsável pela difusão.

### **Indeso Mujer (Argentina):**

- Betiana Spadillero, responsável pelo suporte técnico e difusão.
- Cecilia Ancin, responsável pela organização geral.

### **Intérprete:**

- Charlotte Bonillo

### **Rede Chilena contra a Violência à Mulher (Chile):**

- Camila Mondaca, responsável pela organização geral e sistematização.

# Marcos nas lutas feministas na Região Mercosul



## Cecilia Carozzo

### **Plataforma Mercosul Social e Solidário – PMSS** **Associação Ecumênica de Cuyo - FEC (Argentina)**

A Plataforma Mercosul Social e Solidário (PMSS) é um coletivo de 16 organizações da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai. Seu horizonte é a integração regional de seus povos a partir da incorporação da perspectiva social nas práticas das organizações e movimentos sociais.

Essa discussão foi pensada e organizada pela PMSS e pelo CCFD, com o objetivo de contribuir sobre o processo de conquista dos direitos humanos das mulheres e das diversidades, um eixo de trabalho de grande relevância e importância para a Plataforma.

Em seguida, mencionarei alguns marcos traduzidos em leis que se destacam na região do Mercosul, considerando que se trata de um recorte do grande desenvolvimento normativo que existe.



A luta feminista na região avança como uma potência transformadora, permitindo que suas demandas estejam na agenda pública e política. Os marcos apontam avanços na luta pela conquista de direitos e, ao mesmo tempo, são parte do desmonte das consequências do patriarcado.

Mas ainda persistem desequilíbrios que denotam uma desigualdade genérica entre mulheres, homens e dissidências, no acesso ao trabalho, aos recursos, ao lazer, a vida, ao poder, a distribuição das tarefas de cuidado, al uso do tempo; entre outras dimensões.

A partir dos movimentos de mulheres e diversidades (a população LGBTIQ +) são demandadas reivindicações que contemplem o acesso aos direitos de forma equitativa para as dissidências, as migrantes, as mulheres de setores populares, as mulheres indígenas, as camponesas. Desejando conviver com um trabalho digno e registrado, com saúde de qualidade, com respeito à sua identidade, livre da violência e da exploração, produzindo alimentos saudáveis e cuidando da terra e dos vínculos que dela nascem.

### Marcos ou conquistas importantes:

#### ARGENTINA

A partir de 2015, o movimento de mulheres se configurou especialmente com uma voz forte e clara: "Nenhuma a menos, vivas nos queremos", exigindo que cessassem os feminicídios, ou seja, a morte de mulheres por homens por razões de gênero. O processo que se seguiu possibilitou a aprovação da Lei Brisa: de reparação econômica para filhas e filhos vítimas de violência de gênero. Em relação a esse tema, também foi sancionada a Lei Micaela: permitindo a criação do Programa Nacional Permanente de capacitação Institucional em Gênero e Violência contra as Mulheres, para todos os agentes públicos.

Outro marco histórico para o movimento foi a sanção, em 2021, da Interrupção Voluntária da Gravidez (IVE), permitindo que a clandestinidade da prática não continuasse fazendo as vítimas.



**HITOS EN LAS LUCHAS FEMINISTAS DE LA REGIÓN MERCOSUR**

La **lucha feminista** en la región avanza como una potencia transformadora, permitiendo que sus demandas se encuentren en la **agenda pública y política**; los logros marcan hitos en los avances por la conquista de derechos y al mismo tiempo son parte del desmantelamiento de las consecuencias del **patriarcado**.

Pero aún persisten **desequilibrios** que denotan una **desigualdad genérica** entre mujeres, varones y disidencias, en el acceso al trabajo, a los recursos, al ocio, a la vida, al poder, a la distribución de las tareas de cuidado, al uso del tiempo; entre otras dimensiones.



## CHILE

O Maio Feminista de 2018 marcou a rebelião contra o patriarcado, um movimento que convocou uma multitudinária marcha por uma educação não sexista. Por outro lado, em 2019 foi promulgada a lei contra o assédio sexual nas ruas, dando proteção àquelas que são vítimas dessa violência que tanto se naturalizou.

## PARAGUAI E BRASIL

São aprovadas leis que permitem que o feminicídio seja considerado crime, alcançando condenações e a proteção integral contra todas as formas de violência contra a mulher.

A Greve Internacional de 8 de março de 2017: conseguiu que no Paraguai 10.000 mulheres tomassem às ruas com o slogan "Vivas Nos Queremos!", tornando-se um marco importante como assembleia organizacional e massificação de slogans.

No Brasil, em 2019, foi aprovada uma lei que obriga o agressor a ressarcir os custos que as vítimas de violência doméstica tiveram quando acessaram o sistema de saúde.

## URUGUAI

A organização coletiva permite a aprovação, em 2017, da lei integral contra a violência às mulheres. Enquanto que em 2018 as pessoas transexuais têm uma lei integral de reparação em situações de violência institucional, a cota de trabalho trans, o apoio aos tratamentos de saúde e políticas de acesso à educação.

### HITOS O CONQUISTAS IMPORTANTES

En Brasil:

En 2019 se aprueba la ley que obliga al agresor a reintegrar los costos que hayan tenido las víctimas de violencia intrafamiliar al acudir al sistema de salud.



### HITOS O CONQUISTAS IMPORTANTES

En Uruguay:

La organización colectiva permite la aprobación en 2017 de la ley integral contra las violencias hacia las mujeres. En tanto que en el 2018: las personas transexuales cuentan con una ley integral de reparación ante situaciones de violencia institucional, el cupo laboral trans, el apoyo a tratamientos de salud y a políticas de acceso a la educación.



Assim, podemos ver que todos esses passos são importantes e necessários na luta contra o patriarcado e pela força do coletivo de mulheres e dissidências.

## Igualdade de gênero: Quais são os avanços na França?



### Claire Morandeu

#### **Solidarité Etudiante pour le Développement - Soledev (Francia)**

Responder a esta pergunta pode parecer uma missão impossível, porque sugere que esses avanços são muito claros. Mas a realidade é mais complexa porque se podemos falar sobre avanços, devemos imediatamente especificar que eles têm muitas nuances. Às vezes, eles estão em contradição com uma realidade teimosa que não avança tão rápido quanto certos avanços formais ou legais. Às vezes há também regressões e algumas são claramente perceptíveis, mas nem sempre. Às vezes é preciso investigar muito para identificá-los. Os avanços muitas vezes não são lineares: a estagnação e especialmente as regressões não são uma ficção ou uma lenda. Basta ver o que está acontecendo nos Estados Unidos nos últimos dias sobre o direito ao aborto. Há sempre ameaças, esses avanços nunca são adquiridos para sempre.

Mas há progressos e é sobre isso que vou tentar falar, qualificando ao máximo meu discurso para mostrar a complexidade da implementação desses avanços e sua fragilidade. Também tentarei destacar alguns paradoxos.

Se fizermos uma breve retrospectiva da história, tomando como ponto de referência o fim da Segunda Guerra Mundial, isso nos permite entender em que contexto continuamos vivendo hoje. Tomemos, por exemplo, o direito ao voto para as mulheres. A França é um dos últimos países a concedê-lo em 1944. Tivemos que esperar até 1946 para que a lei eliminasse as desigualdades salariais entre mulheres e homens. Antes a diferença salarial era legal, já que o salário das mulheres era considerado como um salário adicional. Mas como essa mudança implicava em uma redefinição das classificações, ainda será necessário esperar até 1950 para essa lei ser realmente aplicada.

Depois a lei permitiu que as mulheres abortassem legalmente e que também tivessem legalmente acesso à contracepção. São avanços significativos que não podem ser perdidos e dos quais todas as mulheres devem se beneficiar, sem discriminação.

Não vou mencionar milhares de exemplos, mas queria mostrar que a igualdade de gênero é algo relativamente recente e que a cultura da igualdade ainda não está integrada aos nossos modos de pensar, às nossas práticas ou aos nossos modos de vida.

### **Os desenvolvimentos mais recentes:**

No mundo do trabalho, as leis da Ministra dos Direitos da Mulher, Yvette Roudy, durante a Presidência de François Mitterrand, datam de 1983, mas até hoje é difícil aplicá-las nas empresas. Nos últimos anos, outra ministra Najat Vallaud-Belkacem assumiu o comando dessas leis a serem aplicadas e seu programa tinha como objetivo "a igualdade real". Sua luta era a efetividade das leis.

São avanços importantes: a igualdade de gênero no trabalho foi melhorada, mas ainda temos um longo caminho a percorrer para realmente alcançá-la. Há alguns anos, um novo dispositivo chamado "índice de igualdade" buscou resolver o problema, junto com outras ferramentas. Mas os resultados não são os que se esperava, embora existam penalidades que, há alguns anos, têm sido aplicadas às empresas de forma mais sistemática.



Sobre o sexismo houve avanços legislativos reais, sobretudo no direito do trabalho, como o fato de que nas empresas cada Comitê Social e Econômico (os antigos delegados de equipe) tem que eleger uma pessoa de referência na luta contra o sexismo no trabalho. É um avanço, mas aí também, quantas pessoas se beneficiaram de capacitação adequada para entender o que é sexismo no trabalho?

Neste campo, muitas noções não são claras para esses referentes, e existem muitas confusões sobre o conceito, assim como sobre seu papel. A capacitação poderia ser uma vantagem para ampliar a luta contra o sexismo no trabalho. Portanto, sim, há avanços, mas leva-se um tempo para realmente se aplicá-los e o sexismo continua a assombrar o mundo do trabalho.

### **Um exemplo:**

Resumindo, podemos dizer: sim, há avanços, mas eles são muito formais e lentos e carecem de implementação real. Compartilho com vocês um exemplo em nosso país: as eleições de deputados.

Não, não vou falar apenas sobre o número de mulheres e homens! Perceba que a Assembleia Legislativa anterior tinha mais mulheres do que a que acabava de se eleger. Havia 224 mulheres e agora há "apenas" 215, está diminuindo. Mas há 10 anos havia apenas 155 mulheres na Assembleia Legislativa. Então passamos de 155 mulheres para 224 e aí baixamos para 215 mulheres, sem saber em que direção seguirá evoluindo.

Por outro lado, deve-se ressaltar que entre as mulheres eleitas elas são mais numerosas do que antes em cargos importantes, como presidenta de Comissão. E para adicionar mais complexidade, sabemos que nem todas as mulheres eleitas defendem a igualdade de gênero. Algumas gostariam que revisássemos certos direitos adquiridos, como o aborto. Espero que, através de como está composta nossa nova Assembleia Legislativa, tenha conseguido demonstrar que esses avanços são complexos.

### **Um avanço significativo:**

O que para mim é o avanço mais importante dos últimos anos é a conscientização por parte da sociedade francesa como um todo. Os movimentos a favor da igualdade de gênero e da luta contra às violências contra as mulheres conseguiram fazer com que a sociedade tome consciência dessas desigualdades, do sexismo, das violências e feminicídios.

As associações de defesa dos direitos das mulheres se renovaram e usam métodos eficazes como vimos com o "Me Too" e muitas outras ações. O 8 de março, Dia Internacional da Mulher, vem dando origem há alguns anos a várias manifestações com slogans fortes e claros.

Essas manifestações são mistas, com muitos homens que também tomaram consciência da situação e do papel que podem ter. Esta conscientização é uma vantagem maravilhosa, nova, forte e organizada.



Esse avanço é o que dá muita esperança, já que pode provocar outros, embora saibamos que isso não se fará por si só. Quanto ao paradoxo, devemos mencionar a violência das forças reacionárias que são muito reais e muito perigosas do ponto de vista da igualdade e dos direitos. Movimentos mundiais fortes e organizados apoiam essas forças que chamo de reacionárias, e é importante não minimizar seu papel.

Esse maravilhoso movimento geral e esse interesse por parte da sociedade civil são visíveis através do lançamento de diversos filmes, obras, estudos e debates. Esta questão é mais visível, menos marginal e há especialistas que podem falar sobre isso. Vemos surgir nos debates problemáticas que não são novas, mas que não foram faladas antes, como por exemplo, as violências obstétricas. Hoje em dia temos um melhor conhecimento dessas questões, elas são debatidas, e é o começo do caminho para que ela seja levada em conta de verdade.

Apesar desse movimento geral que vem de uma verdadeira conscientização, as violências contra as mulheres ainda são muito numerosas e os feminicídios não diminuem em nosso país. Aqui também devemos falar de paradoxo, lentidão, leis que não se aplicam totalmente...

Entre as evoluções, também gostaria de mencionar o fato de que várias universidades propõem mestrados 1 e 2 sobre essas questões. É algo muito interessante, pois é muito importante que tenhamos acesso a uma melhor capacitação sobre o tema. Neste campo, também, o conhecimento é uma vantagem.

A sociedade civil teve uma real influência e uma sinergia foi criada, o que também pode provocar avanços legislativos. É um sistema no qual cada um de nós deve assumir nosso papel, em um contexto no qual este tema está ao alcance de todas e todos.

Esta nota é muito breve e não pretende ser exaustiva. Eu só queria visibilizar certos avanços mostrando ao mesmo tempo sua realidade e fragilidade. Quero terminar com dois outros avanços importantes, mas a nível internacional: levar em conta a interseccionalidade. As questões de igualdade hoje levam em conta as desigualdades de classe, raça e sexo em um mesmo conceito. Essa interseccionalidade nos permite nos abrir para o mundo.

Com esta ênfase quero concluir, pois avançamos mais se nos enriquecermos, se nos apoiarmos e nos solidarizarmos a nível internacional. É importante que troquemos, que compartilhem nossas experiências, que analisemos os freios que enfrentamos para que, juntas, façamos retroceder as desigualdades de gênero e a violência contra mulheres. Cada avanço, em qualquer país que seja, tem que ser um símbolo para cada um e cada uma, em todos os outros países do mundo.



## Experiências de Ecofeminismo e encontros comunitários do Bem Viver



### **Gabriela Redero**

#### **Ação Educativa Santa Fé (Argentina)**

A Ação Educativa Santa Fé tem 37 anos de trajetória no desenvolvimento de projetos coletivos comunitários e acompanhamento sociocultural e socioeducativo, não só na província de Santa Fé, mas também na ampla região que é o espaço onde desenvolve suas atividades.

A partir da implementação de uma série de projetos que têm como eixo a integração à região Mercosul e a partir dessa geovisão, ter uma integração sociopolítica com os países que vamos compartilhando a partir desses lugares.

Um dos eixos do nosso trabalho tem sido a visão de gênero e a expansão dos direitos para mulheres e diversidades, para a multiplicidade de identidades que estamos incorporando a partir das transformações que estamos vivenciando como sociedade.

Não somente apostamos na ampliação dos direitos com perspectiva de gênero e direitos humanos, mas também a incorporação de ferramentas educacionais, pedagógicas, lúdicas e artísticas que tenham a ver com o reforçar a ancoragem e o desenvolvimento dos projetos territoriais com os quais estamos nos comprometendo dia a dia.

Hoje vamos compartilhar dois dos projetos que estamos desenvolvendo no território de Arroyo Leyes.

Para contextualizar, Arroyo Leyes é uma cidade semi-rural localizada a cerca de 20 quilômetros da capital da província de Santa Fé. A população está relacionada com a natureza e a vivência do rio como característica de vinculação das comunidades com o entorno. Neste pequeno território convergem colonos históricos, da cultura costeira e características semi-rurais, a maioria são pequenos produtores agropecuários.

É uma comunidade negligenciada em relação ao acesso aos direitos sociais e serviços públicos essenciais. Tem muitas raízes culturais em relação à vivência do rio, onde as mulheres historicamente foram marginalizadas na hora de tomar decisões e tiveram que lutar dentro de suas casas com um papel heteropatriarcal que as atravessa desde todas as idades e múltiplas violências.

A Ação Educativa, como parte desta trama social, optou por desenvolver suas ações a partir de sua inserção territorial no Centro de Formação Comunitária Raíces. Esse espaço nasceu em 2008 com o objetivo de promover, acompanhar e articular iniciativas que envolvam grupos e organizações que alimentam a dinâmica social da comunidade por meio de estratégias de educação popular, soberania alimentar e perspectiva de gênero.

### **Mulheres Huerteras "Las Mariposas":**

É um grupo autogestionado de 20 a 30 mulheres do bairro Villa Juana de Arroyo Leyes, onde a Ação Educativa iniciou um processo de vinculação com esta comunidade para aprimorar um processo organizativo; que escolheu a horta como ferramenta de socialização, organização comunitária e empoderamento subjetivo das participantes.



É uma comunidade atravessada por padrões históricos que tem a ver com condutas neoliberais, que negligenciaram uma diversidade de produtos naturais pelas monoculturas, principalmente a de morangos; que há 15 anos tem sofrido impactos adversos com o uso de agrotóxicos, não só para o patrimônio natural, mas também para a organização sociocultural.

Nesse contexto, esse grupo de mulheres vem realizando trabalhos de vinculação com a terra na praça do setor central do bairro Villa Juana. Em primeiro lugar, teve a ver com a ocupação de um espaço público, com a apropriação da terra e com a atividade de horta, amorosamente ligada com a terra e sobretudo como uma possibilidade de sustento diário. Possibilitando em uma primeira etapa a autogestão de alimentos básicos para a cesta familiar. Tudo isso está enquadrado no que na Argentina chamamos de Economia Social e Solidária.



Então, para esse grupo optar por iniciar uma organização autogestionada com ferramentas para o empoderamento das mulheres como gestoras sociais, como dinamizadoras de processos grupais e sociais, tem que se propor a economia e a agricultura sustentável.

Esta tem sido uma aposta simbólica, que tem impactado no processo organizacional dessas mulheres e a nível subjetivo; onde a atividade da terra junto com outras tornou possível vincular outras temáticas que lhes preocupam, que as interpelam como mulheres.

A partir da equipe pedagógica da Ação Educativa, conseguimos acompanhar esse processo, não só dessa organização autônoma das Mulheres Huerteras Las Mariposas, mas também outros grupos para que elas ampliem sua visão da produção e circulação desses alimentos hortícolas; por exemplo, com a organização de feiras autônomas, de acesso a conhecimentos e saberes ancestrais vinculados ao trabalho da terra, sobretudo, ligado ao resgate de sementes nativas, que é uma luta que as mulheres têm liderado a partir do ecofeminismo na Argentina e na América do Sul.

## Rádio Comunitária Vozes da Costa:

A Ação Educativa tem a comunicação comunitária como eixo transversal de suas atividades, considerando-a uma estratégia de levantamento de histórias e de transformações subjetivas. É aí que com esse grupo de mulheres da horta, realizamos um levantamento de depoimentos e a produção de formatos de rádio para compartilhar suas reflexões e saberes.

Consideramos que a cosmovisão de mundo do Bem viver tem como eixo dos processos organizativos da comunidade as mulheres; e para os fins da rádio comunitária desenvolvemos uma série de encontros relacionados a essa temática, onde as mulheres resgatam os saberes ancestrais ligados a cosmovisão territorial e a natureza.

Por essa razão, estão sendo desenvolvidas diversas ações que são difundidas, como por exemplo os acampamentos comunitários que têm a ver com a saúde comunitária, com a educação comunitária e com o bom acesso ao uso de alimentos, ao cultivo autogerido, o acesso à saúde através das plantas, do cultivo das sementes nativas e o resgate da semente nativa do milho que tem alto poder simbólico nas comunidades sul-americanas.

Também através das histórias orais, reforçou-se o empoderamento das mulheres dentro da vinculação comunitária, a transferência de saberes que reforçam as identidades de cada cultura.

Nesse sentido, a comunidade de Arroyo Leyes decidiu abraçar a educação viva através do contato com a terra e a recuperação dos saberes ancestrais, onde as mulheres são um suporte organizacional, mas também espiritual da organização das comunidades. Tem um papel fundamental a partir do qual estão propondo outras formas de restituição de direitos não heteropatriarcais.



vocesdelacostaFM98.5



## Lutas e demandas do Movimento Estudantil no Chile



### **Antonia Rolland**

#### **Assembleia Coordenadora de Estudantes Secundários - ACES (Chile)**

A Assembleia Coordenadora de Estudantes Secundaristas (ACES) é uma organização feminista, antipatriarcal e anticapitalista. Entendemos que o patriarcado é o pilar do capitalismo, portanto, se queremos acabar com o patriarcado, também estabelecemos o objetivo de acabar com o capitalismo. Nesse sentido, o feminismo que praticamos é comunitário.

Nós da ACES, que temos como principal eixo a educação no Chile, temos uma proposta de Educação Não Sexista que tem 10 pontos. Isso foi elaborado no Maio Feminista de 2018.

Esta data foi um marco de mobilização de muitas mulheres dentro de suas instituições de ensino. Diversas ocupações de espaços foram geradas e as aulas presenciais foram paralisadas, chegando a durar muitos meses para que as demandas fossem ouvidas.

Acreditamos que os processos são mutáveis. Embora esse marco feminista muito importante tenha ocorrido em 2018, também se deixou de lado tudo o que tem sido a luta das dissidências sexuais e de gênero. É importante recalculer que o patriarcado não recai apenas sobre aquelas de nós que nascemos mulheres e fomos designadas por esse gênero, mas em todas as pessoas que vivem as opressões desse sistema patriarcal. Essas consequências podem ser observadas de todas as formas possíveis.

Como consideramos o patriarcado o suporte do capitalismo, a ideia de atribuição de gênero, a redução do papel das mulheres para a reprodução, para o cuidado; é precisamente o que sustenta o capitalismo.

Como ACES, tentamos derrubar essas barreiras com o compromisso de uma Educação Não Sexista que é produzida, elaborada e executada em cada espaço educativo, por cada pessoa que a compõe. Quer dizer, se em uma escola há uma necessidade de implementar oficinas de gênero, círculos de conscientização ou protocolos de ação contra a violência de gênero.

Deve-se destacar que temos trabalhado muito nesses protocolos, uma vez que acreditamos na reeducação, fomos ensinadas sob o patriarcado e, para acabar com ele, precisamos nos reeducar. Ninguém nasce erudito, visionário ou filhas perfeitas do feminismo, nos assumimos como pessoas que têm práticas patriarcais dentro de nós que temos que conscientizar, compartilhar, trabalhar, ou seja, assumir isso.



É por essa razão que acreditamos que as instituições de ensino podem decidir como conduzir esses processos para dentro de seus espaços. Nesse sentido, uma das coisas que mais se tem visto com a volta presencial das aulas, tem sido o aumento da violência em nível geral na sociedade; a qual compreendemos como uma resposta a uma violência sistemática que existe e que se reproduz dentro de nossos espaços educacionais.

Ao não reconhecer as dissidências sexuais, de perpetuar papéis de gênero tanto para as mulheres como para homens; ao não dar a importância necessária quando há situações de assédio e violência, de encobrir tanto pais ou responsáveis, professores quanto os próprios estudantes que cometem esses atos de violência.

Todos os dias pela manhã encontramos pais ou responsáveis que vão procurar estudantes na escola do seu filho porque são vítimas de bullying. Isso acontece porque os espaços educativos não estão assumindo as situações de violência que existem, mas estão perpetuando-as. Aqui se mantém um status quo de violência que é a base do sistema em que nos encontramos.

A educação de mercado no Chile desempenha um papel importante ao falar da violência sistemática contra os estudantes. Durante a pandemia houve abandono dos estudantes, não houve acompanhamento psicológico ou pedagógico, a educação teve um tremendo vazio que pode ser evidenciado nos níveis primários.

Para dar um exemplo, podemos dizer que hoje temos estudantes da terceira série que têm de 9 a 10 anos e que não sabem ler ou entender um texto. Estudantes que não tinham como acessar um computador, tinham que compartilhá-lo com seus pais que trabalhavam online, seus irmãos que também tinham que estudar online. Temos uma situação em que um estudante tinha 40 minutos por dia para realizar todas as suas tarefas educativas em um espaço completamente reduzido.

Deve-se notar que, pelo menos no Chile, o nível de superlotação dentro das casas da classe trabalhadora é impressionante. Outro fato, não menos importante, é que aumentaram as desocupações de terreno em 300%.

Essa situação habitacional na pandemia em conjunto com a situação econômica, foram fatores que não permitiram o desenvolvimento integral dos estudantes, que foram arrancados de seu espaço natural que era a escola. Tudo isso significa algo evidente: tanto o governo quanto as instituições de ensino se desentenderam.

Depois de um tempo, conseguimos voltar aos estabelecimentos, mas pela necessidade de os pais ou responsáveis saírem para trabalhar mais que pela possibilidade de ter as condições ideais para ter aulas. Antes da pandemia já tínhamos uma crise educacional: se chovia as salas estavam alagadas, havia superlotação nas salas de aula, a maioria das turmas tinham queir procurar cadeiras em outras salas, entre outras dificuldades.

Depois da pandemia, foram obrigados a frequentar o local de estudo que os abandonou por dois anos, onde as condições para estudar permanecem indignas e com todo o estresse dos protocolos Covid para contatos próximos. A irregularidade das aulas presenciais só somava incerteza e ansiedade, onde tudo pode mudar a cada dia. Pois não houve processo de transição do que foram as aulas virtuais para as aulas presenciais.

Nos fazem voltar a presencialidade com tudo o que significa em termos interpessoais, onde todas as pessoas estão mal após dois anos de pandemia. Só se menciona o quão violentos os estudantes estão sem questionar nenhum dos elementos que apresentei, e esse é o problema de fundo, que ninguém menciona a violência estrutural.



Nesse sentido, não é que a violência de gênero nas escolas tenha aumentado, ela continua a mesma. Há casos que, desde 2018, ainda estão em processos de investigação aberta. Então, você volta para a escola depois de uma pandemia com o mesmo professor que te assediou não só sexualmente, mas também há casos de perseguição política por parte dos inspetores.

Uma das coisas mais importantes que eu queria compartilhar é que a violência contra as mulheres começou a se tornar mais visível, e por isso há uma espécie de fervor diante dela. Mas também é importante tornar visível todas as violências que cruzam o patriarcado e o capitalismo dentro de nossos espaços educacionais, porque não só sofremos como mulheres, mas todas as dissidências sexuais e de gênero, que não são reconhecidas pelo seu nome social e as forçam a chamá-las por um nome que as violenta todos os dias.

As masculinidades também recebem uma carga que afeta o desenvolvimento integral de cada pessoa. Se você nasce e determinam que seu gênero é masculino e quando você cresce você percebe que é um dissidente, é um sentimento de não pertencimento. Esse tipo de violência também é importante visibilizar.

Todas essas opressões significam um dano ao desenvolvimento integral de cada estudante e não podemos cometer o erro de hierarquizar ou entender que uma é mais importante que a outra.

AsambleaCoordinadoraDeEstudiantesSecundariosChile



*Agradecemos a todas e todos por participarem deste espaço de intercâmbio, aprofundando os laços entre as organizações da região do Mercosul e França. Continuamos apostando na construção coletiva de um mundo mais justo e igualitário.*



 [www.mercosursocialsolidario.org](http://www.mercosursocialsolidario.org)  @MercosurSocial

 Plataforma Mercosur Social y Solidario  @MercosurSocial